

Flexibra / Centro

Vila Rubim emprega 2 mil e vende R\$ 5 milhões por mês

ELIZABETH NADER/AT

O maior mercado da cidade vende 10 toneladas de pescado por dia, suprindo toda a Grande Vitória



ANDRESSA REBONATO

Com quase oito décadas de existência e resistindo às mudanças da economia, os problemas de infra-estrutura, além de tragédias como o incêndio de 1994, o Mercado da Vila Rubim lamenta a perda da posição de principal centro de consumo de Vitória, mas ainda pode ser considerado um shopping a céu aberto no centro da capital.

Atualmente, o local movimentava mais de R\$ 5 milhões por mês e emprega cerca de duas mil pessoas. Esta estimativa é do presidente da Associação dos Comerciantes do Mercado da Vila Rubim (ACMVR), Renato Freixo de Souza.

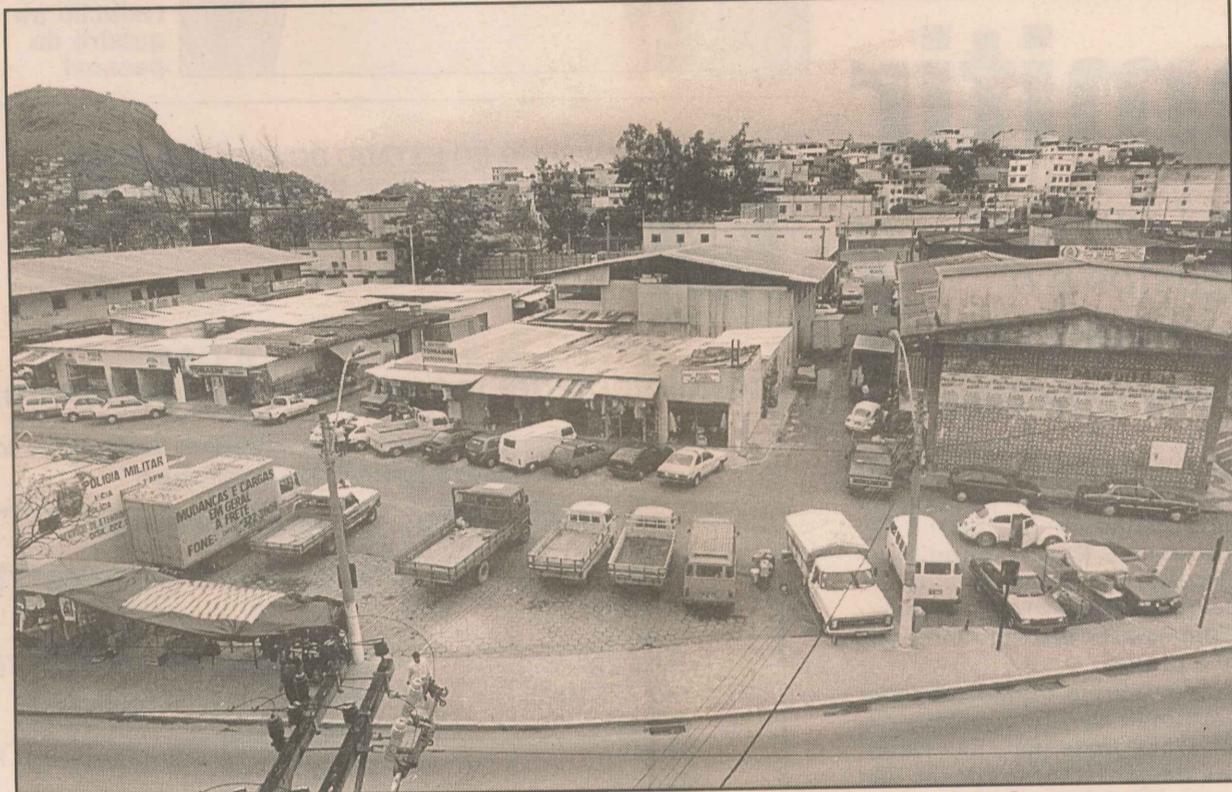
Renato de Souza afirmou que só as lojas de pequeno e médio porte devem movimentar cerca de R\$ 1,5 milhão por mês. O mercado conta ainda com grandes lojas, como Giacomini, Pianina e Arapuã.

O setor de serviços também está presente no local, com consultórios dentários, bancos, hotéis, videolocadoras e agência dos Correios.

No mercado pode-se encontrar variados artigos. Conforme uma pesquisa feita pela Administração Regional do Centro e pela ACMVR, existem 246 estabelecimentos na região (sem contar o comércio informal), que vendem móveis, produtos alimentícios, roupas, sapatos, artigos religiosos, artesanato e ervas medicinais.

Entre os ramos mais fortes, está a venda de pescados. Depois das 19 horas, o mercado funciona como um pregão para venda de pescados no atacado, para suprir peixarias da Grande Vitória.

Segundo Renato de Souza, são comercializados em média 10 mil quilos de pescados por dia, trazidos por revendedores até de outros estados.



A Vila Rubim concentra 246 lojas e trabalhadores informais em todas as ruas

Plano prevê até lago na região

Shopping, vagas de estacionamento e lago. O Plano de Massa que a Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) projetou para promover a revitalização do Mercado da Vila Rubim está mudando a cara do local. Já foram construídos um novo aviário e uma nova peixaria na região.

A administradora regional do Centro, Lilia Melo, ressaltou que

o objetivo do projeto, que deverá terminar no ano 2004, é manter a característica do comércio rústico e artesanal do lugar.

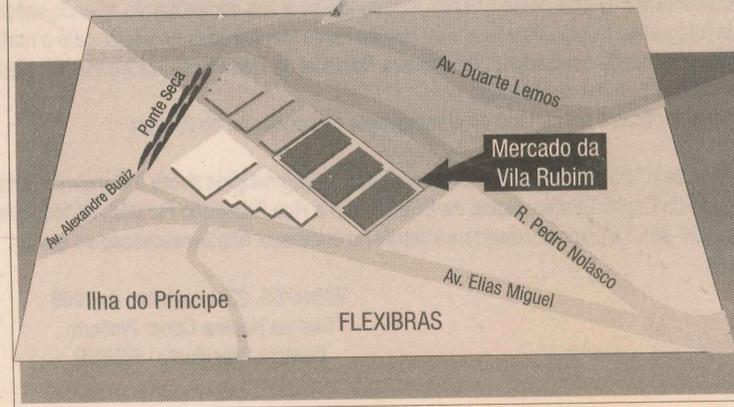
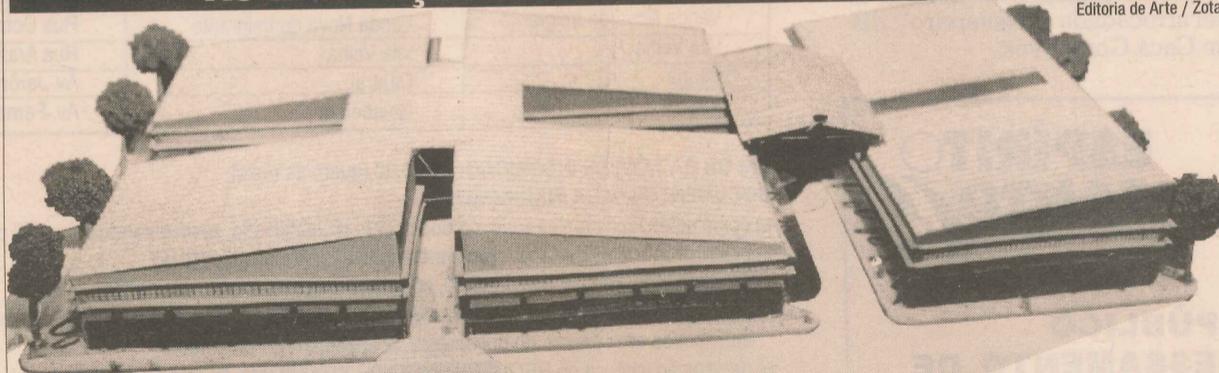
Lilia Melo explicou que o próximo passo será a reconstrução dos dois galpões que explodiram no incêndio de 1994 e a criação de uma praça de alimentação no meio deles. A previsão

é que esta obra seja realizada até julho do próximo ano.

Ela ressaltou que além de trabalhar a infra-estrutura do Mercado da Vila Rubim, o Plano de Massa pretende investir na reciclagem dos comerciantes: "Vamos procurar parceria com o Sebrae para capacitação dos proprietários dos estabelecimentos."

As mudanças no Mercado da Vila Rubim

Editoria de Arte / Zota



O Plano de Massa da Prefeitura de Vitória, que objetiva a revitalização do Mercado da Vila Rubim, prevê a reconstrução dos dois galpões que explodiram no incêndio de 1994. Eles estarão interligados ao terceiro galpão, que não teve prejuízos com o incêndio. Serão 41 lojas e entre os galpões será construída uma praça de alimentação. A previsão é de que esta obra seja realizada até julho do próximo ano.

FIQUE POR DENTRO

O movimento financeiro do Mercado da Vila Rubim é aproximadamente R\$ 5 milhões por mês. Só as lojas de pequeno e médio porte devem movimentar cerca de R\$ 1,5 milhão por mês.

O dinheiro gerado no mercado dá para comprar cerca de 125 apartamentos de dois quartos em Jardim Camburi e equivale a 38.461 salários mínimos, ou R\$ 4.999.930,00.

O comércio da Vila Rubim representa 40% do movimento registrado no Shopping Vitória. Segundo a Assessoria de Marketing do shopping, as 211 lojas existentes no local movimentam cerca de R\$ 13 milhões mensais.

O Mercado da Vila Rubim conta com 256 estabelecimentos comerciais, que estão distribuídos em bares, restaurantes e lanchonetes (33); confecções (45); artigos religiosos (10); produtos alimentares (58); produtos medicinais (23); bens duráveis (19); produtos de manutenção geral (23); serviços, como videolocadoras, bancos, hotéis, salões, jogos, funerárias e correios (15); e outros, como artesanato, floriculturas, artigos para fumantes, fogos de artifício, armas de caça e pesca, livrarias, lojas de discos, jóias e relógios e gráficas (21).

O local emprega cerca de duas mil pessoas.

No mercado, são encontrados artigos variados, como móveis, produtos alimentícios, roupas, sapatos, artigos religiosos, artesanato e ervas medicinais.

O comércio de pescados é um dos ramos mais fortes. São comercializados em média 10 mil quilos de pescados por dia, trazidos por revendedores até de outros estados.

O Mercado da Vila Rubim conta hoje com 170 vagas de estacionamento, transporte coletivo para toda a Grande Vitória e um Destacamento Policial Militar (DPM).

Fontes: Administração Regional do Centro e Associação dos Comerciantes do Mercado da Vila Rubim

POLÍCIA—O presidente da Associação do Mercado da Vila Rubim, Renato Freixo de Souza, disse que o local conta hoje com 170 vagas de estacionamento, transporte coletivo para toda a Grande Vitória e um Destacamento Policial Militar (DPM). "A polícia interativa, implantada há dois anos, foi uma grande conquista para a região. As estatísticas da polícia mostram uma queda de 22% no número de ocorrências", afirmou Renato de Souza.

Wagner Barros

Variedade do mercado atrai consumidor

Moradores de toda a Grande Vitória procuram a Vila Rubim na hora de comprar alimentos, ervas, panelas e chapéus

O Mercado da Vila Rubim tem uma característica própria, considerada pelos comerciantes uma das vantagens do local. A variedade de produtos ainda chama a atenção dos consumidores, que compram na região há anos.

O taxista Marcos Vinícius Nascimento Ramos, 36 anos, disse que utiliza o mercado para comprar alimentos, em especial hortifrutigranjeiros e peixes.

"Vou ao mercado praticamente todos os dias, pois a gente encontra de tudo. As mercadorias são de qualidade e possuem um preço muito bom", disse Marcos Vinícius.

O vigilante Gesuíno Martins, 35 anos, ressaltou que comprou quase todos os móveis e eletrodomésticos de sua casa na Vila Rubim: "As lojas do mercado oferecem mais facilidade para comprar. Além disso, é mais fácil ir ao mercado do que chegar nos outros bairros de Cariacica, município onde moro."

Os comerciantes da região dizem que, apesar das crises econômicas que o País vêm enfrentando nos últimos anos, o mercado ainda sobrevive, principalmente porque cativou vários consumidores.



"Além da população de Vitória, muitas pessoas vêm da Serra, Vila Velha e Cariacica. No final do ano, também recebemos a visita de muitos turistas. Na Peixaria Vila Rubim, temos 40 pessoas trabalhando", disse o presidente da Associação de Pescados e Mariscos da Vila Rubim, Moacir Rodrigues da Silva, que trabalha na venda de pescados há mais de 30 anos no mercado.

A proprietária do Artesanato Silva, Irene Olímpia da Silva, está há 13 anos no mercado e mesmo após ter perdido tudo no incêndio que aconteceu em 1994, ainda diz acreditar no potencial econômico da região.

"Comecei com panelas de barro e a procura era grande. Hoje, trabalho com ervas medicinais, que são uns dos produtos mais vendidos e no mercado. Nos últimos quatro anos, abriam mais 10 lojas para vender este produto aqui", disse Irene Silva.



O comércio de peixe é um dos maiores geradores de emprego no Mercado da Vila Rubim

A HISTÓRIA DO MERCADO DA VILA RUBIM

Na década de 20, houve a transferência da parte do Mercado Municipal (Mercado da Capixaba) para a Vila Rubim. O antigo prédio, onde passou a funcionar o mercado, estava localizado na praça onde hoje funciona a feira livre. Era composto por dois pavimentos de forma retangular e estilo eclético. O pavimento superior voltava-se para a avenida Duarte Lemos e o inferior para a atual Pedro Nolasco.

O mercado foi inaugurado em 1928 e seu programa era composto por uma administração e aproximadamente 20 mercadorias na parte alta, enquanto que, na parte baixa, instalaram-se açougues e lojas de hortifrutigranjeiros.

Com a conclusão dos galpões para o novo Mercado da Vila Rubim, em 1969-1970, o Mercado da Capixaba foi aos poucos sendo desocupado, perdendo sua função de abastecimento alimentício da cidade.

A configuração atual da área deve-se em parte ao plano da urbanista Adina Mera, que apontou para a ampliação da área portuária, para a construção do novo mercado (final dos anos 60), para a extensão do aterro (início da década de 70) e para a localização da Rodoviária de Vitória (final dos anos 70).

Em 1969, foi inaugurado o Mercado da

Vila Rubim, com três galpões, que abrigava inicialmente 100 boxes, destinados a pequenos feirantes, que comercializavam exclusivamente hortifrutigranjeiros.

Cada feirante teria direito a apenas um box, porém, na prática, o que se constatou foi que o número de proprietários diminuiu em virtude do acúmulo de boxes nas mãos de comerciantes detentores de uma estrutura econômica mais sólida, prejudicando o pequeno comércio.

Sob nova visão de abastecimento em 1976, foram construídos novos pavilhões sobre o trecho do aterro, para a expansão do comércio varejista, como capitalização da Central de Abastecimento do Espírito Santo (Ceasa).

No final da década de 80, pode-se dizer que este mercado tornou-se menos frequentado, devido à presença dos "quilões", que se instalaram na maioria dos bairros de Vitória e municípios vizinhos, sendo dispensado o deslocamento até a Vila Rubim.

O incêndio ocorrido em 1º de julho de 1994 marcou uma nova fase do comércio da Vila Rubim. O incêndio evidenciou um período de transição. A tragédia mostrou a necessidade de buscar novos caminhos.

Risco de tragédia continua

Primeiro de julho de 1994. Esta data dificilmente será apagada da lembrança dos comerciantes do Mercado da Vila Rubim. Neste dia, aconteceu o incêndio que deixou três mortos e 35 pessoas feridas, além de destruir várias lojas e 15 carros.

Quatro anos depois, o perigo de uma nova tragédia ronda o local. Segundo o comandante do Centro de Atividades Técnicas (CAT) do Corpo de Bombeiros, major Pirro Campos Brandão, são feitas vistorias permanentes na região e sempre são encontradas irregularidades.

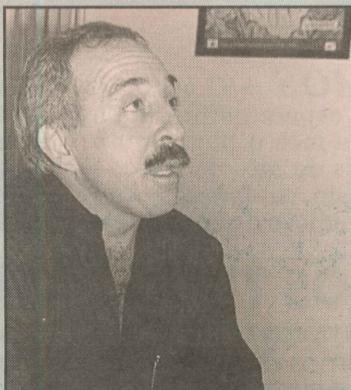
"Vemos a falta de extintores de incêndio, sistema hidráulico preventivo e saídas de emergência. Fizemos um relatório e estamos enviando à Prefeitura de Vitória", explicou.

Barraco virou rede de lojas

"Em 1963, meu pai montou um barraco de 60 metros quadrados. Era uma pequena mercearia chamada Buenos Aires, nome dado em homenagem a fazenda onde minha mãe nasceu, em Castelo.

Os funcionários da mercearia eram meu pai, minha mãe e eu, que tinha 13 anos. Na década de 70, a Prefeitura de Vitória resolveu investir no local, contactando construtoras para construir os galpões com pequenos boxes, que foram comprados pelos comerciantes a preço de custo. Eram vendidos basicamente verduras no local. Mas quando chovia, o local ficava intransitável.

Nessa época, saímos do barraco e fo-



Faé: 250 empregados

mos para uma parte do galpão com 70 metros quadrados, onde continuamos a mercearia. Foi aí que começou o crescimento do nosso estabelecimento.

Hoje, tenho 250 empregados e cinco supermercados, mas continuo com um estabelecimento na Vila Rubim, onde temos consumidores antigos que vêm de outros municípios para fazer compras.

Vejo hoje o mercado com um pouco de tristeza, pois era um ponto convergente dos consumidores da cidade e hoje já não é mais."

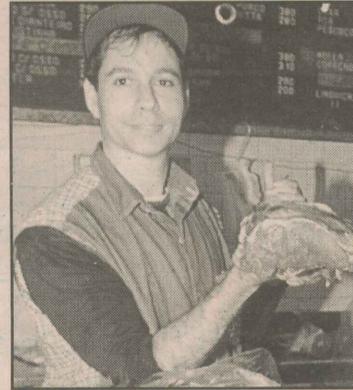
Elvécio Faé é proprietário do Supermercado Faé e é presidente da Associação Capixaba dos Supermercados

"Tenho esperança no mercado"

"Meu pai veio de Viana para trabalhar como empregado em um açougue no Mercado da Vila Rubim. Depois de alguns anos, ele conseguiu comprar um ponto. Isso foi há 30 anos. Ele colocou os quatro filhos para trabalhar no local, mas hoje apenas eu trabalho no estabelecimento, dando continuidade ao negócio.

A situação do comércio não está fácil, mas dá para sobreviver. Com o que ganho, sustento meus dois filhos e minha mulher. Tenho uma venda mensal de cerca de R\$ 10 mil, mas o que sobra de lucro é pouco.

Hoje, para manter meus seis funcionários, que é o mesmo quadro da década de 80, é difícil. A gente guarda os fun-



Agnaldo: fase de ouro

cionários como uma grande família.

A década de 80 foi uma época de ouro, pois não existia preocupação em conseguir dinheiro para pagar os funcionários e revendedores.

Minha família adquiriu vários bens com a venda de carne. Meu pai tem sítios e conseguiu colocar os filhos na faculdade. A situação do mercado piorou com o incêndio, pois foi uma péssima propaganda para o local.

Mas ainda tenho a esperança de que o mercado voltará a ser como era no passado."

Agnaldo Sant'Ana é proprietário do Açougue Capixaba e está há 18 anos à frente do comércio